

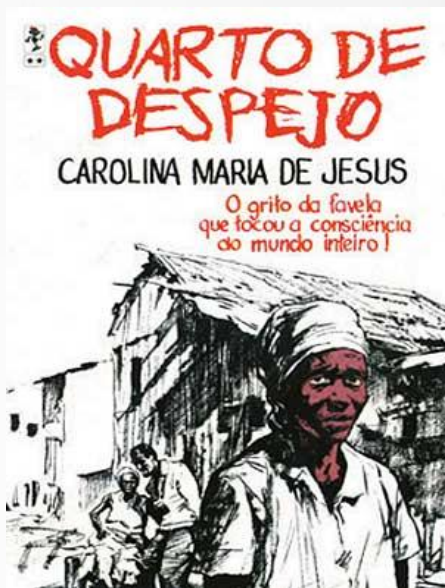
SOBREVIVÊNCIA E RESILIÊNCIA EM "QUARTO DE DESPEJO"¹

Maria Eduarda Caliari²

RESUMO:

Ao analisar a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus, com o apoio das reflexões sobre *Auto ficção* e *Autobiografia* em artigos publicados por Leticia Pereira de Andrade e Eurídice Figueiredo, pode -se perceber que mesmo sendo considerado autobiografia por vários especialistas, o livro possui características próprias do gênero auto ficção. Trata-se de uma obra que em forma de diário relata a vida de Carolina, suas dificuldades, e de modo detalhado sua rotina ao tentar sobreviver no meio onde vive, a extinta favela de Canindé da década de 50.

PALAVRAS- CHAVE: auto ficção, autobiografia, sobrevivência, resiliência.



O termo sobrevivência faz referência a viver em condições adversas sem meios ou recursos. O sobrevivente é a pessoa que consegue se manter viva em situações limites, como se pode notar em vários trechos da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus.

A pessoa, no decorrer da leitura do livro de Carolina, que relata sua jornada nada fácil em busca de dinheiro para suprir suas necessidades diárias, perceberá uma semelhança com o filme "O regresso", no qual, o personagem de Leonardo DiCaprio mostra uma enorme dificuldade em se manter vivo dia após dia no meio onde se encontra.

¹ Trabalho realizado para a obtenção parcial da nota na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura sob a Orientação da Professora Simeia G. F. Oliveira.

² Aluna do curso técnico em Meio Ambiente do Centro Estadual de Educação Profissional - CEEP

O livro pode ser caracterizado como autobiografia ou auto ficção. Segundo Eurídice Figueiredo autobiografia refere-se a um autor que retrata a vida do personagem com detalhes, sem esconder ou romantizar algo. E auto ficção apesar de todos saberem que o escritor inspirou-se em sua própria vida ela não é retratada de modo que coincida 100% com a realidade, "Na auto ficção pode-se recortar a história em fases diferentes, dando uma intensidade narrativa própria do romance" (FIGUEIREDO, 2010, p. 2). Portanto, o livro de Carolina pode ser considerado auto ficção se levarmos em consideração o fato dela parar de escrever em certos momentos de sua vida e de certa forma esconder o motivo de seus filhos serem espancados por vizinhos e apenas defende-los.

O livro *Quarto de despejo* foi escrito em forma de diário que, de uma forma geral, pertence ao universo da escrita autobiográfica. "Entretanto existe um paradoxo entre a realidade vivida e a transcrita do "eu" "(ANDRADE, 2010, p. 2) "pois é impossível passar para a página a realidade fielmente retratada" (MACIAL apud ANDRADE, 2005, p. 4). Pode-se perceber que a realidade não é claramente exposta por Carolina devido ao fato dela retratar que não quer um marido, mas não contar o que aconteceu com o pai de seus filhos para que tal atitude seja tomada.

O fato de precisar lutar dia após dia para uma vida mais digna, e desta forma, conseguir sair da favela como Carolina de Jesus faz, a torna cada dia mais forte. Passar fome, como a mesma relata em vários trechos do livro e ter um maior conhecimento cultural e político, se comparado com as pessoas ao seu redor, a torna menos vulnerável no meio onde vive. Para Lisete Barlach ser menos vulnerável ou resiliente:

refere-se a um conjunto de características que possibilitam aos indivíduos não só a recuperação posterior ao (s) evento (s) traumático (s), mas o seu efetivo crescimento a partir dele (s), bem como o incremento de sua habilidade para responder a dificuldades futuras." (BARLACH, 2015, p. 2)

Para a psicologia, ser resiliente é ter a capacidade de dar a volta por cima, lidando e superando adversidades e transformando experiências negativas em aprendizado que é exatamente o que Carolina demonstra fazer no decorrer do livro.

Desta forma, podemos dizer que uma pessoa que reside na favela, dependendo de suas condições, se torna uma sobrevivente se comparada com moradores da cidade, que por sua vez tem melhores condições de vida.

O livro deixou de ser autobiográfico e passou a ser fictício a partir do momento em que a vida da personagem se torna tão miserável que a mesma vê necessidade de romantizar sua história, esconder mágoas e dessa forma a deixar menos triste pelo fato dela estar na maioria das vezes de bom humor, porém, não a deixa menos comovente.

A obra *“Quarto de Despejo: diário de uma favelada”*, mostra a escritora buscando estratégias de sobrevivência, contando o dinheiro quase todos os dias no intuito de comprar alimentos. Quando conseguia comprar arroz, feijão e carne, conforme conta, era um dia de festa, via a felicidade estampada no rosto de cada filho.

No diário, a autora, apesar de trabalhar demais todos os dias, diz sentir fome e não ter dinheiro para comprar comida. Muitas vezes ela trata esse assunto de forma dramática, fazendo com que o leitor se sinta comovido com a situação. Em um de seus dias de trabalho, catando papel e sucatas nas ruas de São Paulo, Carolina chega a passar mal por conta da fome, “A tontura do “lcool nos impede de cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que ° horrível ter s¹ ar dentro do est»magoô (JESUS, 2005, p. 45). Esse drama que ela usa em alguns de seus relatos, demonstra a sua habilidade literária em transpor os sentimentos mais perturbadores despertado pela fome e por sua luta di”ria “Hoje n–o temos nada para comer. Queria convidar os filhos para nos suicidarô(p. 153).

A mulher, negra, moradora da favela do Canindé, por vezes não tinha dinheiro para comprar sabão e limpar sua casa, nem mesmo lavar suas roupas e de seus filhos óneu desejo era andar bem limpinha, usar roupas de alto preºo, residir numa casa confortável, mas não é possível" (p. 19). Isso, era algo visível na sociedade, mas ela tratava do assunto com ironia, não se deixava abalar por mais que sentisse vergonha de andar suja e, todos os dias lutava contra esse sentimento, porque por mais triste que fosse a situaºo, isso a tornava cada dia mais, uma guerreira. “N–o fiquei revoltada com a observação do homem desconhecido referindo-se a minha

sujeira. Creio que devo andar com um cartaz nas costas: Se estou suja é porque não tenho sabão (p. 97).

Carolina em alguns momentos do livro demonstra nervosismo em relação a situação difícil que se encontra. Como nos finais de semana, quando teria que ficar com seus filhos o dia inteiro e não tinha comida em casa. “Deixei o leito furiosa. Com vontade de quebrar e destruir tudo. Porque eu tinha só feijão e sal. E amanhã é domingo” (p. 108). As expressões de raiva e nervosismo usados pela autora são totalmente o oposto do que ela demonstra na maior parte do livro, o bom humor e a calma, “Eu sou muito alegre. Todas as manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam ao amanhecer.” (p. 23). A forma como se expressa, a tentativa de convencer o leitor de seu otimismo através do escapismo da realidade insuportável atribui um peso maior ao sofrimento e conseqüentemente, prende o leitor, despertando uma curiosidade em saber se Carolina vai ou não, sair dessa situação.

“Sonhei que eu residia numa casa residencial, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice... Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê” (p. 35).

Viver em um ambiente que ela denomina “O quarto de despejo de São Paulo” (p. 141) em condições nada favoráveis, é a maior prova de que o ambiente em que ela reside, a tornou uma sobrevivente, tanto pela sua luta diária por conseguir mantimentos, o que a torna resiliente perante a sociedade, mas também pelo fato da mesma não gostar do lugar onde mora. Carolina não considera a favela um lugar agradável para a criação de seus filhos, devido a violência que existe ali, mas mesmo assim exigia que fossem para escola.

A autora mostra ter uma capacidade de se recuperar de situações de crises e aprender com elas. Tem uma mente flexível e o pensamento otimista, com metas claras e a certeza que tudo passa. Isso é basicamente a definição de ser uma pessoa resiliente. Carolina, apesar do lugar onde vivia, sabia ler, tinha interesse cultural, social, político e por livros da literatura brasileira. A escrita é sua principal arma contra a imobilidade social a que está sujeita como mulher negra e favelada.

“Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as p^ossimas qualidades de voc²s” (p. 164) Ela se destaca tanto como cidadã, quanto como escritora, um dos primeiros livros de auto ficção publicado no Brasil. Em alguns trechos a autora mostra que mesmo levando uma vida difícil ela consegue dar a volta por cima todos os dias. Já em outros momentos da obra, não deixa transparecer suas dificuldades, por mais visíveis que sejam, e sua angústia. Isso torna o livro, mais do que nunca, auto ficção.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Letícia Pereira de. *História e ficção no cerne de Quarto de Despejo*. Disponível em http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2012/07/4ed_artigo_7.pdf. Acesso em: 17/08/2017

FIGUEIREDO, Eurídice. *Autoficção feminina: A mulher nua na frente do espelho*. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46790/50551>. Acesso em: 17/08/2017

BARLACH, Lisete. O enfrentamento criativo da adversidade: Análise de personagens de filmes.

Disponível em: <https://journal.sipsych.org/index.php/IJP/article/download/16/pdf>.

Acesso em: 19/08/2017

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 8. ed. Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática. 2005.